

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado do Paraná Class.: _____

Data: 09.10.83 Pg.: _____

190

Juruna: sábio e ingênuo

NILSON FERNANDO DÖRL

O brasileiro de raízes legítimas, por natureza é um sujeito gozador, leva na brincadeira a maior parte das coisas sérias e não considera como tal a maioria das instituições que assim se pretendem. Diante disso, era evidente que o primeiro índio que se candidatasse a um cargo eletivo, teria bom êxito. Principalmente numa época em que os políticos passam por séria crise de credibilidade, o que favoreceu a eleição de não-políticos nas últimas eleições. No Rio, Carlos Imperial se elegeu vereador, Juruna e Agnaldo Timóteo passaram a representar o Estado na Câmara Federal. Em São Paulo, Beth Mendes e Moacir Franco também se elegeram deputados federais.

De todos, o político mais singular do País, certamente é o cacique xavante Mário Juruna. O que pouca gente sabe é que Juruna tentara se candidatar pelo PT paulista, sendo dissuadido por Lula, que argumentou que o cacique seria mais útil se permanesse com sua comunidade. Tentou depois o PDT carioca e foi aceito, sendo bem cotado, principalmente na Zona Sul do Rio, que é muito rica.

Imagino que seus eleitores-gozadores devem estar satisfeitos com o desempenho do seu candidato, podendo se considerar até co-produto-

res do programa humorístico "Viva o Gordo" de Jô Soares. Tanto quanto os eleitores do Agnaldo Timóteo, que acabou transformando algumas sessões da Câmara em palhaçada, fingindo conversar com sua mãe, através de um telefone sem fio.

Quanto ao próprio Juruna, acredito que ele esteja num ponto qualquer entre a cultura dele e a nossa. Não sei quantas gerações são necessárias para que ocorra uma transformação tão complexa como essa. Talvez seus netos sejam pessoas como nós, mas ele, Juruna, não conseguirá. É muito limitado pela natureza para assimilar tudo o que seria necessário. Sua autocrítica é reduzidíssima, o que ficou provado quando ele falou que se chegasse a ser presidente da República, resolveria os problemas brasileiros.

Quando proferiu - "de improviso" - o discurso em que chamou o presidente Figueiredo e todos os seus ministros de ladrões, - o que quase lhe custou o mandato -, Juruna falhou tanto quanto a sua liderança, que deveria alertá-lo sobre o que seria inconveniente e até perigoso, ensinando-o a linguagem política, recheada de metáforas e eufemismos, o que não seria muito fácil. Juruna nunca vai aprender os recursos da nossa língua.

Não há maldade em suas palavras.

Certa vez, Bocaiúva Cunha conversava com Airton Soares, líderes do PDT e PT, respectivamente. Juruna ouvia. Após o encontro, o cacique chamou Airton Soares num canto, e lhe perguntou se ele e Bocaiúva eram amigos. Como Airton lhe respondeu que sim, Juruna o advertiu: "Não acredite nele. Quando você está longe, Bocaiúva diz que você é radical, louco, comunista".

Algumas frases do cacique-deputado são antológicas. Quando eleito em novembro disse: "Eu vem sem flechas, tacapes e bordunas, mas sei que muita gente anda por aqui com paudé-fogo embaixo do paletó". Logo após o início dos trabalhos na Câmara, alguns deputados trocaram empurrões e pontapés no plenário. Perguntado sobre o que ele achava dessa violência entre os ilustres deputados, Juruna, do alto da sua primitiva sabedoria, respondeu: "Não é assim que se resolve os problemas do povo".

A verdadeira sabedoria de Mário Juruna não está ao alcance dos gozadores cariocas, que votaram nele para se divertir. O cacique é tão sábio quanto é ingênuo o deputado. Lula tinha razão.

Nilson Fernando Dörl é médico e professor.